

Cumpro com gosto e alegria o dever de cumprimentar todos os presentes. Um cumprimento, que tem de ser formal pela circunstância, mas que não o é, seguramente, pela sua natureza. É pessoal e caloroso!

É que é a oitava vez que aqui nos reunimos quase os mesmos, nesta mesma magnífica sala, à mesma hora, no mesmo momento do ano e sempre com o mesmo objectivo o que já dá corpo a uma matriz que singulariza, identifica, une e compromete!

Pela oitava vez tenho de agradecer em meu nome pessoal, que pouco contará, mas em nome da Liga dos Amigos do H. São João, à Senhora D. Celeste e ao Sr. Dr. Manuel Violas esta já mítica generosidade por nos receberem neste espaço de festa e a amizade familiar com que o fazem e a todos a face bonita com que contribuem para a beleza desta sala.

Apesar do ano ir ainda no seu décimo mês, é esta a oportunidade de partilhar com quem é a origem e a justificação da existência da nossa Liga. Vou poupá-los o mais possível à enumeração, sempre fria e seca, de um rol de actividades mais ou menos extenso, mas lembrar, numa visão rápida, aquilo que de mais significativo constituiu a actividade da vossa-nossa Liga durante 2014.

**Começo pelo fim: A Liga deu-se, este ano, a uma actividade nova, em tudo diferente daquilo a que nos habituou e que surpreendeu muitos dos bons espíritos que nos observam de perto.**

**Aproveitando a generosa disponibilidade da artista Kátia Guerreiro, adivinhada pela cativante simpatia demonstrada numa abordagem prévia e logo confirmada por uma adesão sem condições, tomou-se a iniciativa de organizar um concerto cujos lucros, se os houvesse, reverteriam em favor da nossa Liga.**

**E assim foi!**

**No dia 10 de Julho, com o teatro Rivoli à cunha, Kátia Guerreiro cantou e encantou, num espectáculo que foi um momento de glória! Foi espantosa a actuação, linda a festa, muito gratificante a iniciativa.**

**E além do lucro artístico e espiritual houve, também, o outro lucro.**

E agora a referência àquilo que, no decorrer do ano, foi sendo a correspondência possível aos pedidos que, com mais ou menos regularidade, fomos recebendo.

Como sempre, distribuímos várias próteses de diferentes feitios e destinos, ecógrafos onde não os havia, camas articuladas, cadeiras de rodas, uma incubadora para recém-nascidos de pré-termo e algumas outras coisas de maior porte, mas também coisas pequenas e essas, seguramente mais numerosas e significativas, que, por não se verem, passam facilmente despercebidas.

Muito temos pensado no significado dessa ajuda que, em linguagem de números nunca poderá ser notícia de primeira página de qualquer jornal diário mas, mais do que isso, possa ser lida pelas nossas consciências e lembrada pela memória de quem a agradece.

Portanto, o que a vossa ajuda fez durante este ano, pode parecer não ser de grande vulto, não se ver ao longe, mas é e será sempre de valor ilimitado, impossível de ser quantificada em qualquer sistema de ordenadas e abcissas.

Será a **ajuda** minúscula que demos ao Sr. Djaló, um cidadão vindo da Guiné-Bissau e que se nos apresentou sem nada, tão modesto na aparência como no pedir – só desejava o dinheiro necessário para pagar o passe que lhe permitisse deslocar-se da rua onde vive até ao nosso hospital onde está a fazer tratamento de uma doença grave. Será essa pequeníssima ajuda de uns escassos euros por mês, **menor** do que a cara incubadora que oferecemos ao Serviço de Neonatologia para permitir a sobrevivência de prematuros? Quem sabe?

O valor da acção humana não se pode restringir ao valor dos números nem ao âmbito dos verbos transitivos: ter, fazer....,

Quem sabe o que vale a oposição teimosa de um sim de boas-vontades ao não da fatalidade da doença e do sofrimento?

Mas, por mais que se dê, nunca acabarão as carências nem os pedidos. Por mais viva que seja a consciência de que alguma coisa se vai fazendo, nada apaga a sensação de que está tudo por fazer!

Uma ou outra vez, impelidos pela urgência própria do sofrimento, ou até de falsos alarmes, as pessoas, quase que nos querem obrigar a desajudar uns para ajudar outros ou então acudir a todos ao mesmo tempo, esquecendo-se das limitações que nos obrigam a graduar as pressas, atendendo à realidade das situações, aos seus graus de necessidade, às intensidades do sofrimento,

Essa é, como já tenho referido, das mais penosas situações com que nos deparámos:

Mas teremos sempre de decidir, arbitrariamente,

Dar prioridade a necessidades

Hierarquizar sofrimentos

Escalonar carências

É tarefa ingrata porque sujeita a erros.

Quem nos dera ter uma ilimitada capacidade económica que nos poupasse a esses cuidados. Ou então, poder estabelecer uma espécie de alfabeto de situações elementares que fizesse a escolha por nós.

O que temos dado é pouco, mas não são migalhas, restos mortos que caem das mesas dos seus donos. Podem ser pequenos-nadas, mas levam vida; não são coisas que se destaquem sem darmos por ela! Levam bocadinhos de nós. São fragmentos de verdade embrulhados em carinho.

**Nada do que se dá é de plástico; tudo é humano, veemente, como uma profissão de fé ou uma confissão de amor.**

Quem poderá negar o valor daquilo que vai para além do útil, do visível, do mensurável, daquilo que se dá quando, aparentemente, quase não se dá?

Quanto vale aquilo que dá origem a apertos de mão sinceros, ao secar de lágrimas, ao despertar de sorrisos, a tudo o que trazemos para repartir com quem, realmente, é o agente efectivo dessas alegrias, desses actos que confortam, desses contributos para o bem-estar de quem se está próximo, mesmo sem se conhecer.

E não me alongo mais. Só a garantia de que vamos continuar, porque os nossos queridos Amigos aqui presentes não são de desistir. Nunca serão as pequenas dificuldades que apagarão a utilidade e a grandeza das boas obras, porque nunca é pouco o que se faz por bem.

Como escreveu Miguel Torga: **Se o lume se alimenta de lenha, enquanto houver lenha, haverá lume.**

*Serafim Guimarães*